ANO 12.º — Sabado, 19 de Abril de 1919 — Numero 569

O DEMOCRATA

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(*)—
PROPRIEDADE da EMPREZA
Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional* R. dos S. Martires—AVEIRO.
Redação e Administração, Rua Direita, n.º 54

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

Nota politica

——(*)——

Ainda não ha um mez que o governo da presidencia do sr. dr. Domingos Pereira assumiu as redeas do Poder e já se rumoreja que ha crise, prevendo-se uma remodelação completa no gabinete ou, pelo menos, a substituição de alguns ministros... depois das férias de Pascoa.

A nós já nada nos admira. Acostumados, como estâmos, a vêr baquear ministerios sobre ministerios, que espanto nos poderá causar que este tambem siga na esteira dos seus antecessores, deixando sem solução os vários problemas que se propoz resolver?

Mas havemos de concordar que é triste. Triste e muito triste, que, necessitando a Republica de quem lhe dê vida, alma, alento; de quem a possa amparar e a quem ela ligue, confiada, os seus destinos, todos lhe fujam, todos a deixem, a abandonem, lhe voltem as costas, e ninguem com competencia, autoridade e prestigio apareça a salva-la das dificuldades em que os politicos de corrilho a envolveram, criando-lhe a linda situação que disfruta!

Por este andar, onde irá isto ter?

Governos sem duração, instaveis, nunca fizeram, que nós saibâmos, em qualquer país, nem a sua felicidade nem o orgulho das instituições que os regem. E a Republica Portuguêsa não póde, por esse facto, ser uma excepção á regra. Tem, portanto, de mudar de processos, de vida e, dentre as falanges onde conta dedicações mais radicadas, recrutar gente que se interesse, a valer, pelas prosperidades da nação e a tire da vergonha porque está passando.

De contrario—*adeus Portugal que te vais á véla*...

Dr. Couceiro da Costa

Vai ser nomeado ministro de Portugal junto da côrte de Espanha este ilustre aveirense e nosso muito presado amigo, que conta tomar posse do seu novo posto ainda este mez.

O *Democrata* felicita-o vivamente.

Films...

A lei da Separação

Faz âmanhã anos que foi promulgada em Portugal a lei de Separação da Igreja e do Estado. Não nos lembra agora quantos. No entretanto os suficientes, pelo menos, para que dela pouco mais exista do que a recordação.

Porque a não degolam por uma vez? O nuncio já aí está e pode-a confortar com os ultimos sacramentos...

Presos politicos

Continuam a esgueirar se dos presidios onde se encontram, os responsaveis pela ultima aventura monarquica.

Como meio de não darem mais trabalho ao governo e pouparem os julgadores, achâmos optimo...

De mal a peor

Que o partido conservador é a continuação do dezembrismo. E que o dezembrismo foi a cobardia, a traição, a infamia, o roubo, a tortura, a morte, a desonra!—clama o nosso colega *A Montanha*, do Porto.

Ergo: Abaixo o partido conservador! Fóra com *isso!*

Estâmos arranjados. Por este andar rompe o ano de 2000 e o problema politico por solucionar.

Se a união é isto!...

TRANSCRIÇÃO

O *Ovarense* deu-nos a honra de inserir nas suas colunas o artigo—*A recompensa*—do nosso penultimo numero.

Agradecemos.

Ao sr. dr. André dos Reis

——(*)——

A cobardia e a calunia

Poucas linhas, porque não vale a pena perder tempo com incorrigiveis cobardes e caluniadores.

Diz o snr. dr. André dos Reis que não me responde, porque sendo correcto e usando eu de uma linguagem despejada, ele, todo correcção, não vai mudar de habitos, julgando-se desobrigado a responder.

A correcção desse advogado aveirense está bem provada: mente para caluniar e calunia para se arranjar á custa alheia.

Diz que não me chama aos tribunaes para não ser punido pelas injurias que lhe dirigi.

Nunca ouvi chamar á verdade injuria. E tudo quanto disse é a pura verdade. Maguou-se? Não pratique actos indecorosos como tem praticado. A culpa foi e é sua, enquanto não se corrigir desse inveterado habito seu.

Resolveu, finalmente, e talvez depois de grande esforço intelectual, esse sr. dr. André dos Reis, lançar-me ao despreso.

Desculpe, mas não posso deixar de me rir.

Então resolveu lançar-me ao despreso, a mim que, debaixo dos Arcos dessa cidade, lhe recusei estender a mão, não correspondendo ao seu cumprimento, e que de cara erguida lhe declarei que não apertava a mão a bandalhos?!

Lançar-me ao despreso, depois que o arremessei com nojo ao lixo social, sem que o snr. dr. André tivesse o gesto nobre da desforra altiva?!

O unico e merecido titulo que póde e deve usar é de cobarde e caluniador.

Chame-me aos tribunaes para lhe provar o seu valor ou responda-me no seu jornal para lhe escalpelisar esse seu passado de miserias e vergonhas politicas.

E se um dia se resolver a não ser cobarde, procure-me que estou ao seu dispôr. Até lá hei-de lhe rebater, na imprensa, as suas calunias, as suas mentiras, que chegarem ao meu conhecimento.

Oliveira de Azemeis, 16—IV—919.

Lopes de Oliveira
Medico

PELA IMPRENSA

"A Vitória,,

Saíu efectivamente no domingo o primeiro numero do novo diario que, com o titulo *A Vitória*, os conhecidos jornalistas lisbonenses Hermano Neves e Herculano Nunes lançaram á publicidade.

De aspecto gráfico moderno e inteligentemente colaborado, *A Vitória* é um jornal destinado a um largo futuro, pois alêm de muitas e variadas secções, se completa com vasta informação do país e estrangeiro de que o grande publico não prescinde hoje.

Agradecendo á *Vitória* a honra da sua visita, as maximas prosperidades lhe desejâmos, como tantó merece.

Reparação

O sr. ministro da Justiça mandou arquivar o processo contra o snr. dr. Rodrigo Rodrigues, que em Aveiro deixou assinalado o seu nome como inteligente funcionario da Republica durante o tempo que exerceu o cargo de governador civil do distrito, reintegrando-o no seu antigo lugar de director da Cadeia Nacional de Lisboa e louvando o pelos serviços prestados.

Muitissimo bem.

GOVERNADOR CIVIL

Continuam os protestos contra a permanencia do sr. dr. Sampaio Maia á frente do distrito de Aveiro.

Vagos, Oliveira de Azemeis, Espinho, Castelo de Paiva, Maciceira de Cambra e o proprio concelho donde é natural, Vila da Feira, não fazem outra coisa senão indicar constantemente a porta de saída a s. ex.ª.

No entretanto existe tambem quem seja de opinião contraria, isto é, quem sustente que o sr. dr. Sampaio Maia não deve saír.

O peor é se ambas as partes pucham de mais e lhes sucede como ao Bocage quando pretendia arrancar a argola...

MANIFESTO

——(*)——

O *Partido Republicano Conservador* acaba de dirigir ao país um extenso documento onde explica as razões da sua fundação e apresenta as bases do seu programa, sendo dele os seguintes elucidativos periodos.

. . . .

Quer na monarquia, quer depois da Republica, a falta de provisão dos nossos estadistas foi imensa; mas convencidos estamos de que, perante a evidencia do momento, só espiritos totalmente obsecados não compreenderão que tudo quanto na suposta defêsa do regimen se está praticando resultará perfeitamente inutil ou contraproducente, se á grande maioria conservadora do País não dermos a organisação e a disciplina de um partido que, na oposição, corrija os excessos do radicalismo, e, no poder, tenha por fiscal a opinião radical.

O Partido Republicano Conservador deverá, portanto, ser constituido por todos os antigos republicanos (e muitos são) que não apoiam os actuaes processos de governo da corrente radical, e ainda por todos aqueles cidadãos portugueses que abertamente abraçaram o regimen republicano, fossem quaes fossem as suas anteriores opiniões, o que, aliás, não será novidade na politica republicana visto que muitas das figuras representativas do proprio partido democratico, da monarquia e até das suas mais altas funções publicas vieram.

Este Partido Republicano Conservador é, pois, absolutamente necessario ao regresso á legalidade e, por via de esta, á estabilidade da Republica. Tão necessario, pelo menos, quanto o partido radical. Nenhum deles póde viver sem o outro, sob pena de nunca mais se fecharem as cadeias e casas-matas, de nunca mais neste Paiz haver uma função garantida, de nunca mais nele haver um momento de socego. Como poderá viver um Paiz onde o ministro de Estado se encontra hoje na sua secretaría e logo na Penitenciaria ou além-fronteiras, como criminoso perseguido e vexado, para no dia seguinte reaparecer no ministerio a perseguir os seus perseguidores da vespera?! Não é possivel!

Fazer politica, no sentido vulgar do vocabulo, é a ultima das preocupações do novo partido republicano. Farto está o Paiz de politica. Ele carece, essencialmente, de administração. Faltam-lhe as condições fundamentaes de um Estado moderno: educação, instrução, disciplina social e viação. A sua agricultura, da qual vivem quatro quintas partes da população, depende, em absoluto, de que, entre outros, estudado e resolvido seja o problema da irrigação. Uma grande extensão do solo portuguez conserva-se inculta.

Contra a carestia da vida não se tem lutado de maneira eficaz. Entende o Partido Republicano Conservador que nem só abrindo os cofres do Estado e concedendo subvenções se resolve este momentoso problema. As industrias continuam entregues ao seu proprio esforço e lutando ainda contra a reacção dos poderes publicos. A questão social continua em aberto; ninguem a estuda ou procura resolver por outros meios que não sejam os da violencia. O operariado continua perseguido e o Estado, por sua vez, vai sendo batido. Lisboa, cujo porto, situação e beleza são incomparaveis, é um exemplo do criminoso desleixo. A gloriosa cidade do Porto, cujas condições de vitalidade comercial todos conhecem, tem sido vitima de egual abandono. Em todos os serviços publicos campeia a desorganisação. Perdem-se, pouco a pouco, todos os habitos de trabalho. Onde se deveria cuidar da administração publica, só politica, e da peor, se faz. O acesso, as promoções nos diferentes serviços dependentes das secretarias do Estado continuam a fazer-se pelo criterio da antiguidade, quando principalmente a actividade e competencia dariam sérias garantias de trabalho util. O partido democratico, a quem devemos reconhecer como principal factor da nossa intervenção na guerra, foi arrastado, por uma errada compreensão da defêsa do regimen, a violencias que lhe alienaram o concurso dos melhores portuguezes e lançaram o Paiz na rebelião. E só um grande Partido Conservador, tendo por lêma a *Ordem* e o *Trabalho*, e contando com a patriotica espectativa da grande maioria do Paiz, poderá procurar reconciliar a familia portugueza, levando-a a trocar a luta armada e o atentado pessoal pelos meios legaes de conquista e conservação do poder.

Convém, porém, que, para evitar equivocos, se definam, tão aproximadamente quanto possivel, a compreensão e extensão do termo *conservador*.

Conservação não significa, de modo algum, *reacção* ou *imobilidade*, e tanto tal não significa que uma parte das mais avançadas reformas do radicalismo inglez tem sido realisada pelo Partido Conservador.

Foi com o concurso dos conservadores que Lloyd George, um dos cerebros mais organisados e uma das vontades mais firmes dos estadistas da *Entente*, deu satisfação a um grande numero de aspirações dos trabalhadores britanicos.

Assim, *conservação*, no sentido do presente manifesto, significa essencialmente *conciliação*. Nenhuma reforma assusta o Partido Conservador Republicano, desde que a justiça, conjugada com a *oportunidade*, a imponham. Não ha neste partido, nem reaccionarios, nem ditadores, nem autocratas; o que ha é pessoas que, respeitando todas as superioridades e hierarquias, nos limites dentro dos quaes devem ser respeitadas, e tendo uma alta compreensão da dignidade do poder, não consentem coacções de qualquer natureza. O que ha é patriotas, que, tendo por primordial preocupação a paz interna, o progresso da Nação e o respeito do exterior, procuram conciliar a tradição com a revolução, excluindo, por egual, a *imobilidade* e a *aventura*.

. . . .

Que bela doutrina a que aí fica expendida! Que belêsa de intenções! Que puros conceitos! Que enorme vontade de servir honradamente o país! E contudo—ai!—como nos sentimos desalentados só em pensar que dum momento para o outro tudo esquece, tudo derrue, tudo se aniquila!

Mas — caramba! — a politica portuguêsa hade eternisar-se, assim, em lutas estereis, dando a impressão de que já não ha meio de meter na ordem os que teem andado fóra dela, tornando-se indignos do nome de patriotas e republicanos?

Então *isto* hade sossobrar, hade ir para o fundo, sem que apareça quem lance um cabo de salvação e livre o velho Portugal do perigo a que o expõem as turras dos que, á porfia, disputam as cadeiras do Poder?

O *Partido Republicano Conservador* possue, nas suas comissões, bôa gente. Conhecemos algumas figuras das que, em todos os tempos, deram, pela nobrêsa do seu caracter, seguras garantias de um republicanismo sem mácula, impondo-se ao respeito e á consideração publicas. Pois bem: aproveite-se a ocasião, que não vai sem tempo, e toca a fazer alguma coisa de util, de vantajoso.

Ou agora ou nunca!

Nós apoiaremos todas as iniciativas que se revelem tendentes a desviar a nação do abismo em que, por vezes, tem estado prestes a resvalar. Sem ambições e sem vaidades a satisfazer, isentos por completo de culpas quanto á fórma como nestes oito anos de Republica se ha administrado o país, sentimo-nos perfeitamente á vontade para falar assim e seguirmos, neste rumo, uma orientação que se coadune com os nossos principios e satisfaça á consciencia popular, que quer ordem nas ruas, zelo na administração e juizo nos cerebros...

Vâmos, pois, a vêr no que dá o *Partido Republicano Conservador*.

O "reino,, do Porto

——(*)——

Convem talvez, para que fique bem assente que a proclamação da monarquia foi, no Porto, uma verdadeira farçada, transcrever a pauperrima local que o *Primeiro de Janeiro* lhe dedicou.

Da sua magra descrição, se vê bem e das suas entrelinhas se conclue com segurança, o que foi tal acto:

A leitura da proclamação

Cêrca das duas horas da tarde, foi hasteada no governo civil a bandeira real, havendo já defronte daquele edificio avultado numero de pessoas.

Pelas 3 horas e tendo já ali chegado uma grande força de infantaria da guarda, com a respectiva banda de musica e um batalhão de civis, armados de espingardas, o inspector da policia snr. José Baldaque Guimarães apareceu á varanda do edificio, e, em voz forte e clara, leu a proclamação que em primeiro logar publicâmos.

A multidão, que estacionava na frente do edificio, coroou com palmas a leitura desse documento, sendo erguidos vivas á Monarquia, a El-Rei D. Manuel II, á Familia Real, á Patria, ao Exercito, etc.

Seguidamente, o snr. dr. Pereira de Sousa proferiu um caloroso discurso, entrecortado de aplausos.

A banda executou o Hino da Carta, que a multidão acolheu com uma demorada salva de palmas.

Só isto. E nada mais!...

Foi numa duzia e meia de linhas que o mais importante jornal do Porto, relatou o acto *solenissimo* da proclamação da restauração da monarquia em Portugal...

Era bem significativo.

Não podendo dizer nua e crúa a verdade dos factos, deu-a a conhecer muito claramente aos que do Porto ou de fóra não assistiram á pantomima, pela importancia da local que lhe dedicou e o logar em que a estampou... na segunda pagina!

Mas... pormenor curioso! No momento de se içar a bandeira da monarquia no governo civil, a corôa ficou voltada para baixo!...

O' galinha! O' enguiço! O' fatidica realêsa que até no proprio momento em que julgam e pretendem reerguer-te, levantam-te com as mãos para baixo...

Anoiteceu tarde.

Os curiosos prolongaram a vigilia noite fóra e, de cauto, segredava-se:

— Então?
— Acho bem!...
— E os republicanos?
— Estão presos.
— E de Lisboa?!
— Ah, sim. De Lisboa...

E achegavamo-nos mais, na ansia de nos ampararmos, de nos pormos em guarda contra as nossas proprias duvidas.

— De Lisboa esperam-se noticias. Nada se sabe.

Telegrafos e telefone nas mãos da Junta. Comboios idem.

Lisboa era o ponto de interrogação esmagador que todos nós tinhamos sobre o peito, como um Himalaia a encobrir-nos o céu azul das nossas esperanças.

E por toda a parte, ao clarão branco do luar dessa noite de impossiveis impaciencias, nas salas dos restaurantes, ou nas dos clubs e grupos da Republica, os bons republicanos, depois da interrogação muda, do espanto em que os lançou o audacioso atrevimento dos monarquicos, perguntavam invariavelmente:

— E de Lisboa? O que se faz?

Naqueles inolvidaveis momentos das primeiras horas da monarquia no Porto, em que a desolação e o desespero se apossaram do coração de todos os republicanos, sem que todavia o deixassem perceber no semblante risonho que, constrangido até ao sofrimento, mostravá a indiferença que convinha, nesses momentos de incomparavel amargura e de profundo desespero, a resposta era invariavel:

— De Lisboa nada se sabe.

— Então o que seria o movimento?

— Uma convulsão inteira num país que se embriaga com uma ideia falsa, ou um audacioso golpe local, sem mais ramificações que as que apontavam os seus jornaes?

— Só isto, por certo.

— Se o país os secundasse eles atiravam já a todos os ventos da publicidade o apoio que o país lhes oferecia.

— Mas se é só aqui, que fazem os republicanos, tendo gente sua no 18, no 6, na guarda, na artilharia, tendo todo o 31?

— Que fazem, sim, que fazem?

— A' bomba, senhores, á bomba! A dinamite! Vâmos despertar essa gente e correr a pontapés do povoado os lobos que sobrepticiamente nele se introduziram.

E nestes desabafos de desespero e de tristeza se passou essa noite horrorosa, carregada de anciedade e de suspeitas, de projectos e de duvidas, de ideias fortes e de desalentos imediatos, essa noite calma, daquela calma que afaga o moribundo antes de despedir o ultimo alento, a noite de 19 para 20 de janeiro, a noite de domingo.

De facto, se a tempo conhecedores do que ia dar-se, *meio cento*, notem bem, **meio cento** de republicanos, não eram precisos mais, teem atacado a bombas de dinamite—que as ha no Porto em abundancia—as forças na sua marcha do Monte Pedral para a Batalha e simultaneamente os bandos que nesta praça, sem ordem e sem segurança, se entregavam aos maiores excessos contra a bandeira da Republica, essa récua de covardões, que só sabia ser valente de noite na proporção de quatro ou cinco contra um, teria debandado aterrada, espavorida, a esconder as farfantias monarquicas sob os colchões das camas, ou nos sotãos esquecidos dos covis.

Meio cento, apenas; uma oportunidade bem escolhida, e a monarquia teria nascido... morta.

E era tal a suspeita de que a tentativa não chegaria a atingir o seu fim, que o automovel em que Couceiro seguia entre as forças para a Batalha, levava nos estribos, de pé, tapando as vidraças com os proprios corpos, individuos armados para vigiarem os movimentos da gente que dele se aproximasse!

* * *

Segunda-feira, 20 de janeiro!

Logo de madrugada o rapazio apregoava, numa berraria infernal, os suplementos dos jornaes.

— Olha o *Noticias!*

— Suprimento ao *Janeiro!*

— A' ultima hora. Cá está o *Noticias!*

Assaltam-se positivamente os vendedores.

Não é o interesse do que se passa aqui, é a anciedade de saber o que se passa lá fóra, o que haverá de Lisboa.

Devoram-se as paginas dos periodicos; lêem-se com o coração aos sovalcos á cata de noticias da capital, á espera de que nos cáia inesperadamente debaixo dos olhos Lisboa!

Mas... ó desolação! O' desespero! Nada. De Lisboa nada!

O prudente *Janeiro*, dizia apenas:

O país em face do movimento

Sômos informados de que o movimento monarquico tem sido acolhido com entusiasmo nas cidades e povoações do norte do país, constando-nos tambem que o mesmo tem sucedido em vários pontos do sul, onde chegou a noticia dos acontecimentos.

De Lisboa, porêm, nada se sabe ainda.

Seria, porêm, verdade que na provincia, senão em toda, em algumas cidades a monarquia era bem recebida?

Nesses primeiros dias era ignorada a ordem dada pela Junta aos jornaes para só publicarem aquilo que ela indicasse, proibindo os espaços em branco da censura, para assim dar ao publico a ideia de que nada havia a censurar e de que, consequentemente, tudo corria ás mil maravilhas.

Em todo o caso esta pálida esperança nos ficava: se Lisboa já tivesse secundado o movimento monarquico, a Junta fa-lo-ia saber logo, cantando vitória.

Aguardámos o orgão da tarde, *A Patria*.

Saíu mais cêdo que de costume, a vespertina folha.

Vinha embandeirada em arco... Retratos de suas magestades em grande formato e la datorio artigo de fundo:

Senhor!

da lavra do alma danada n.º 2 dessa tragedia de 25 dias que se chamou *monarquia do Porto, monarquia do quarteirão, monarquia do Monte Pedral, etc.*, pa autoria do Pereira de Souza.

Que acerbos de mentiras, que nojentas baboseiras, que refinada hipocrisia, a de esse pandilha, insolente e refalsado; que descaro, que alma de bandido é necessario possuir-se para se faltar á verdade, para se mentir com tanta desfaçatez!

Aos pés de Vossa Magestade, como simbolo Augusto da Patria Portugueza, veem traser hoje, aqueles que dentro desta casa, numa luta porfiosa de todos os dias e instantes, batalharam ....

. . . .

Numa luta porfiosa de todos os dias, —quando menos de 30 dias antes declarava *sob palavra de honra* que a Junta Militar não tinha fins politicos e que *julgava um crime* qualquer tentativa de restauração monarquica neste momento historico.

Que falta de caracter! Que execranda doblez!

. . . .

Se V. Magestade podesse ter presenceado o que ontem se passou nesta cidade, ...

. . . .

teria visto como dos olhos do Povo brotavam lagrimas de jubilo e de enternecimento, pela bôa nova...............

. . . .

Meu Senhor! A' uma hora e meia da tarde ainda o Porto não sabia do que se estava passando; mas apenas ouviu as salvas da continencia a essa bandeira (a azul e branca), *simbolo do nosso Passado e esperança do nosso futuro e mal se certificou da bôa nova, saiu para as ruas no mais louco e febril entusiasmo que jámais nos foi dado presencear!*

. . . .

Mentiu, sr. Pereira! Mentiu, sr. D. Vilão!

Mentiu procurando enganar—suprema das infamias!—aquele por quem dizia lutar dia a dia. Se houve lagrimas, não foi de contentamento nos olhos dos monarquicos da sua estôfa, que só as choram quando querem, e a prespectiva das suas ambições desmedidas realisada, não lhe permitia lagrimas na ocasião; se houve lagrimas, foi de desespero, foi de dôr, nos olhos dos republicanos por não poderem abafar á nascença esse aborto hediondo que foi o flagelo odioso duma cidade inteira, que enlameou miseravelmente com os processos de que se serviu, com os crimes que praticou.

Foram as lagrimas que se viram em alguns olhos, mas quem as viu não foram os monarquicos, porque foram choradas em silencio, no recanto dos lares onde se podia dar largas á mágua imensa de vêr um ideal desfeito, á dôr sem outra dôr igual, de vêr tombar, periclitante, as esperanças acalentadas em peitos de patriotas que só na Republica vêem e encontram o risonho porvir que fatalmente a Portugal está destinado.

Humberto Beça

APOSENTAÇÕES

Requereram-nas o sr. Pascoal Lino de Quintanilha, de inspector de finanças deste distrito, e Jacinto Agapito Rebocho, de chefe dos impostos, logares que, em abono da verdade se deve dizer, desempenhavam com o maximo escrupulo e reconhecida competencia.

UMA RECTIFICAÇÃO

Telegráfa-nos o velho amigo e colaborador do tempo da propaganda republicana, Fernando Antonio Carneiro, a dizer-nos que, como apaixonado cultor da verdade, não é ele o autor das *Rimas*, livro de versos a que nos referimos no ultimo numero, mas sim o tambem dedicado republicano Emilio da Assumpção Ernesto que, por várias circunstancias, julgámos ser um pseudonimo.

Feita a rectificação pedida, nem por isso deixâmos de nos felicitar pelo equivoco—perdôe-nos Emilio Ernesto a franquêsa—visto ter dado ensejo á singela homenagem prestada a quem, como Fernando Antonio Carneiro, tanto trabalhou pela Republica.

E posto isto, receba o verdadeiro autor das *Rimas*, com as nossas desculpas, muitos parabens pela magnifica produção enviada a este jornal.

Notas mundanas

Esteve nesta cidade e distinguiu-nos com os seus cumprimentos, o nosso colega do Correio da Feira, *sr. Soares de Sá.*

Agradecemos.

= *Veio passar as férias da Pascoa com sua familia o snr. Orlando Peixinho, escrivão de Direito em Miranda do Douro.*

= *Com sua estremosa esposa regressou de Lisboa á sua casa do Porto o distinto colaborador deste jornal, Humberto Beça, que, na passagem, nos deu a grata satisfação da sua visita.*

INCENDIO

Na madrugada de terça-feira manifestou-se fogo na estufa de chicoria que o sr. Antonio de Pinho possue junto ao canal de S. Roque, ardendo quasi por completo, não obstante os prontos socorros das duas corporações de bombeiros.

Estava no seguro.

GRÈVE

Em virtude de não ser atendido nas suas reclamações sobre aumento de salario, poz-se em gréve o pessoal da *Tipografia Vitalidade*, que por esse motivo teve de encerrar as suas portas.

NECROLOGÍA

Por morte de seu venerando pae, ocorrida em Tentugal, onde era professor, está de luto o nosso presado amigo e inteligente director dos Orfãos da Misericordia de Lisboa, snr. Antonio Maria Beja da Silva.

Conheciamos de ha anos, a quando duma festa intima que se realisou em S. Marcos, suburbios de Coimbra, e da qual conservâmos as mais gratas recordações, o saudoso extinto. Lhano, afavel e obsequiador, figura atraente e insinuante, José Alexandrino Beja da Silva nunca mais deixou de inspirar-nos a maior simpatia, lembrando-nos dele sempre que á mente nos ocorre as reminiscencias do passado que se extingue e não volta mais.

E', pois, com mágua que o vêmos desaparecer, que o vêmos partir para as regiões desconhecidas de além tumulo. Respeitosamente nos descobrimos. E aos filhos, a quem tanto queria, a expressão das nossas condolencias pela enorme perda que acabam de sofrer.

* * *

Tambem faleceram ultimamente o sr. José Antonio Pereira da Cruz, desta cidade, e a snr.ª D. Felicidade Melicio, proprietaria da quinta da Bôa Vista, proximidades de Verdemilho.

Ambos contavam bastante idade.

* * *

Em casa de seu sogro, o snr. Jacinto Agapito Rebocho, faleceu ás primeiras horas da manhã da ultima segunda-feira, 14 do corrente, vitimado por uma *pneumonia gripal*, que em poucas horas lhe aniquilou a existencia, o alferes de cavalaria 8, sr. Reinaldo de Campos Godinho, de 24 anos, natural de Constancia, onde era abastado proprietario e muito estimado, como tambem aqui sucedia, pelas elevadas qualidades do seu caracter e esmerada educação de que era dotado.

Casado ha poucos mezes, deixa viuva a sr.ª D. Clementina Rebocho, cuja vida, á hora que escrevemos, é periclitante, apezar de desconhecer ainda o triste desenlace a que aludimos.

* * *

Egualmente no ultimo sabado faleceu em Espinho, a sr.ª D. Umbelina Elisa de Lima Vidal, viuva, de 72 anos.

A finada, que por muitos anos viveu nesta cidade, de onde era natural, pertencia a uma familia distinta, possuindo elevados dotes de espirito e de coração.

Era mãe do snr. D. João de Lima Vidal, actual arcebispo de Mitilene.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 17

Ora até que enfim já temos professora para a escola do sexo feminino, cuja reabertura se anuncia para depois das presentes ferias de Pascoa!

Custou, mas foi. Estavam a dormir, positivamente, os funcionarios a quem incumbe tratar dos serviços da instrução nesta área e tornou-se preciso acorda-los. E' triste que assim tenha de acontecer quasi sempre, que os jornaes tenham de servir de despertadores, que não haja, por parte dos servidores do Estado, aquele amor ao trabalho que devia ser apanagio de todo o cidadão que por ele recebe, mas que fazer, se a mandria não ha quem a sacuda das repartições para fóra?

O caso da professora da Costa, é tipico. Seis longos mezes para se fazer uma substituição que o mais rudimentar interesse pelo ensino aconselhava a que não demorasse um só instante! E vá que a nós se deve o não ficar para as calendas gregas... Pelo geito que as coisas levavam estâmos por certos que até já tinha esquecido o provimento da cadeira. Admiram-se? E' que a nós já nada nos espanta, tal o habito de que enferma a burocracía portuguêsa.

Protelar, protelar, protelar, eis o principal da sua existencia, a caracteristica pela qual mais se evidenciam os serviços dessa classe privilegiada. Salvo as honrosas excepções, está bem de vêr, porque Deus nos livre se não as houvesse..

Por ultimo devemos dizer que a nova professora, sr.ª D. Idalina Ferreira Dias, cuja posse lhe foi dada no sabapo, é natural desta localidade e filha duma respeitavel familia aqui muito considerada. Exercia, ha anos, o magisterio em Mamodeiro, tendo feito um curso assaz distinto pelo que obteve tambem as melhores classificações. Felicitâmo-la. E congratulando-nos com o povo da Costa por ter sido, finalmente, quebrado o encanto, fazemos votos por que Mamodeiro seja mais feliz do que nós quanto á paralisação dos trabalhos escolares.

= Devido ao tempo qúe tem feito, improprio da quadra que atravessâmos, acham-se um pouco atrazadas as sementeiras, calculando-se que seja fraco o ano para os cereaes.

Tudo a ajudar o pae, que é velho...

= A' esposa do sr. Manuel Pinheiro, de S. Bento, foi extraída, a ferros, pelo habil clinico snr. dr. Abilio Marques, uma creança na ultima semana, encontrando-se tanto esta como a mãe livres de perigo.

= Vitimado pela tuberculose, faleceu aqui o sr. João Anjos e na Oliveirinha deixou de existir a viuva do snr. Albano Paralta.

= Estão-se dando outra vez alguns casos de gripe pneumonica. Ha casas onde existem duas e tres pessoas atacadas, sendo uma delas a de Virgilio Ratola, em Mamodeiro.

Quanto á variola apenas se regista um caso na Oliveirinha e outro em Quintans.

C.